

**Cartas da vida – Vidas em cartas –
recensão a *Ilse Losa: estreitando laços.
Correspondência com os pares lusófonos (1948-1999)*,
(Karina Marques org.), Porto, Edições Afrontamento,
2018**

Ana Isabel Marques

ana.marques.avelar@gmail.com

Instituto Politécnico de Leiria

(Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa)

dobra

A correspondência foi muito importante na vida de Ilse Losa. A própria existência do volume *Ilse Losa: estreitando laços. Correspondência com os pares lusófonos (1948-1999)*, organizado por Karina Marques e publicado com a chancela da Afrontamento comprova isso mesmo. Trata-se da compilação de um interessantíssimo acervo epistolar, que resulta dos contactos desta escritora, refugiada nos idos anos 30 na cidade do Porto, com vultos (cerca de setenta) da intelectualidade portuguesa. Toda a vida e obra de Ilse Losa, longe da família e da Alemanha natal, próxima de círculos da intelectualidade portuense e nacional, com contactos pessoais e artísticos com outros países apontam no sentido da importância das cartas no trajecto desta autora judia-alemã-portuguesa. Porque Ilse Losa foi uma escritora entre dois (ou vários) mundos (trata-se de uma imagem um tanto estafada, mas atualmente indissociável do nome da autora) e porque foi uma cidadã do mundo. E também porque as cartas fazem parte dessa realidade.

O papel de Ilse Losa como obreira de pontes entre culturas, uma vertente que sobressai no seu trajecto literário, traz por arrasto o universo das cartas. Note-se, apenas a título de curiosidade, que já em dezembro de 1955, Jorge de Sena, com tanto acerto, havia reconhecido esta valência na autora judia-alemã-portuguesa, considerando-a uma “mediadora cultural”.

Centrando-me no presente volume, trata-se, como foi referido, de uma compilação epistolar. São cartas que se escrevem, cartas que se recebem e às quais se responde na volta do correio, ou que ficam soterradas pelas solicitações do quotidiano, fazendo exasperar quem por elas espera. Saúda-se, pois, a

iniciativa da publicação deste acervo de missivas, reveladora da consciência de que muitos dos momentos privados são as teias com que se urdiu a História da nossa literatura.

Trata-se, na minha opinião, de um volume urgente e importantíssimo por razões de vária ordem. As cartas revelam, como é evidente, o tipo de ligação que unia Ilse Losa aos diferentes vultos da intelectualidade coeva. As cartas lançam luz sobre as afinidades electivas, sobre as amizades que se fortalecem graças a tendências literárias semelhantes ou a gostos literários afins (para não lhes chamarmos movimentos).

As cartas representam também um inquestionável enriquecimento para o estudo da recepção da obra losiana, uma vez que nos dão conta da forma como esta foi lida e apreciada pelos seus pares. Trata-se de um ângulo privado que complementa (e valoriza exponencialmente) as resenhas, i.e., as vozes oficiais publicadas na imprensa da época. (Refira-se que a obra *Paisagens da Memória. Identidade e alteridade na escrita de Ilse Losa* (2001) apresenta várias secções dedicadas ao estudo recepional dos vários romances losianos com base na análise dos principais artigos vindos a lume aquando da publicação das referidas narrativas).

As cartas revelam ainda aspectos relativos à colaboração em jornais e revistas, ao quotidiano complicado das redações, à invariável exasperação de quem escreve. Revelam, regra geral, os bastidores de muito daquilo que se tornou público. As delongas nas publicações, as frustrações com chefes de redação, os pagamentos que, por vezes, tardam, a censura que espreita e (seguramente) inibe muitas das iniciativas. Os obstáculos censórios à publicação da novela *Retta ou os Ciúmes da Morte*, em que a protagonista ousa suicidar-se em tempos que banem o suicídio, são disso um bom exemplo.

As cartas revelam também o mundo das editoras, o mundo das traduções (e das ilustrações).

Trata-se, por tudo isto, de um volume de um valor inestimável que lança luz não só sobre a vida da autora e sobre a sua obra, mas também sobre o panorama literário da segunda metade do século que findou e sobre a própria História do país.

Para além disso, é de sublinhar a organização clara, com notas bio-bibliográficas sobre os autores das cartas e notas suplementares, a listagem remissiva das cartas publicadas, que se revela muito funcional, bem como a tabela bio-

bibliográfica da autora. Sublinho o bom gosto (e bom senso) de intercalar a transcrição das cartas com a reprodução de documentos reais – um pormenor que faz as delícias de quem aprecia estas viagens por linhas e papéis antigos.

Quanto aos conteúdos das cartas propriamente ditas, estas dão-nos conta de meio século da nossa história recente e convidam-nos a reter delas aquilo que vai mais ao encontro da sensibilidade ou curiosidade de cada leitor, aquilo que mais ou menos diretamente responde aos seus interesses pessoais ou literários. Claro que podemos encontrar nas páginas tornadas públicas reações à obra de Ilse Losa por parte de nomes grandes da intelectualidade nacional (mais ou menos eivados pelo carinho que a proximidade dos laços humanos e a amizade gera entre as pessoas). E também conselhos e recomendações (umas vezes acatadas, outras nem tanto). Mas podemos também encontrar informações sobre os escritores (e outras individualidades) que contactaram com Ilse Losa. Peca-se, seguramente, por aqui se não conseguir mencionar todos os nomes). São cartas que humanizam e vivificam quem as escreveu. Que nos revelam um Fernando Namora, por vezes, deprimido, uma Irene Lisboa com algumas maleitas, um José Rodrigues Miguéis profundamente desgostoso com o afastamento da pátria, um Óscar Lopes frenético, sempre sem tempo, mas invariavelmente com muito humor.

Trata-se de uma compilação de cartas que tematizam aspectos de natureza diversa, indo, por isso, ao encontro de diferentes interesses que diferentes leitores possam ter. Serão por exemplo, por certo, preciosas as cartas trocadas com autores como Fernando Namora ou Mário Dionísio para quem pretenda esmiuçar a proximidade de Ilse Losa ao Neorealismo, ou a correspondência com Irene Lisboa e com Matilde Rosa Araújo para quem se debruce sobre mulheres escritoras no Estado Novo.

Encontramos também inúmeras cartas que comprovam as inúmeras diligências de Ilse Losa e de Óscar Lopes no sentido de dar a conhecer além-fronteiras (nomeadamente junto de leitores alemães) escritores portugueses. Cartas que são muitas vezes a confirmação de um contacto com uma editora, um agradecimento pela inserção numa antologia de autores portugueses, um acertar de agulhas em relação à selecção de um poema ou de um conto. Sublinhe-se que se deve a Ilse Losa e Óscar Lopes a publicação de duas antologias de narrativas curtas e uma de poemas na antiga República Democrática Alemã, iniciativas que, à altura, não deixaram de constituir uma

empresa arriscada do ponto de vista político: *Portugiesishes Erzählungen* [Contos Portugueses] (1962), *Ich kann die Liebe nicht vertagen* [Não consigo adiar o amor] (1969), *Erkundungen. 30 Portugiesische Erzähler* [Incursões.30 contistas Portugueses] (1973).

Muitas vezes, são-nos revelados os bastidores da tradução. Podemos ler numa carta enviada a Manuela Delgado, sua parceira de tradução, o desabafo de Ilse Losa relativamente ao artigo de Mário Vilaça publicado na revista *Vértice* em que este critica a tradução do drama *Andorra*. Trata-se de um episódio que, ao que tudo indica, surge na sequência de outros diferendos relacionados com as traduções brechtianas. Recorde-se que traduzir Brecht em tempos do Estado Novo constituía uma empreitada de risco, que Ilse Losa (a quem devemos essa coragem política) mais uma vez abraçou.

Revestem-se também da maior importância os comentários de Ilse Losa relativamente às auto-traduições que a própria considera um verdadeiro «fastio», confirmando com a singeleza desta expressão o que estudiosos de tradução argumentam relativamente ao tortuoso processo de auto-tradução enquanto infundável trabalho de burilar uma obra que se pretende que iguale (ou suplante) o esplendor do original. Trata-se, pois, por vezes, de apenas uma palavra ou de uma frase, que vem confirmar uma hipótese ou uma teoria já anteriormente aventada.

São os contactos com editoras, o acerto na escolha de um bom tradutor, a frustração com o trabalho realizado por alguns tradutores, o pedido de que Ilse Losa abrace a tarefa de traduzir e a verbalização da confiança no seu trabalho de tradução. É o caso Fernando Namora apreensivo com a qualidade da versão alemã da obra *Retalhos*, afirmando que Ilse Losa, também ela autora, seria a tradutora ideal. Algumas vezes lemos desabafos relativamente aos montantes irrisórios pagos aos tradutores (e aos ilustradores também).

Por vezes são os contactos com outros tradutores (ou mediadores culturais), como Maria Teresa Furtado, e, mais uma vez, o gosto de aproximar Portugal e a Alemanha.

Mas encontramos também nestas cartas a imagem de Ilse Losa como uma escritora solidária com a luta política e a contestação à ditadura do Estado Novo. Refira-se que são muitas as peças processuais da PIDE/DGS que podemos consultar nos Arquivos Nacionais Torre do Tombo e que vêm confirmar isso mesmo. Nos referidos documentos Ilse Losa surge como visada ou como

testemunha abonatória, sozinha ou com o marido, em muitos processos instaurados pelo regime a outros intelectuais e artistas. Nestas cartas, pode ler-se o pedido que Fernando Pinto Loureiro dirige a Ilse Losa de que esta seja sua testemunha num processo político.

Muitas vezes lemos cartas em que escritores, redatores e editores procuram apaziguar a exasperação de Ilse Losa e procuram explicar o porquê do aparente caos, das delongas ou da desorganização. (Sublinhe-se que conciliar a logística diária com a lógica da censura não deveria ser tarefa fácil).

É curioso sublinhar que um traço comum de muitas das cartas enviadas a Ilse Losa é a introdução, regra geral, com uma nota de desculpa pelo atraso na resposta. Uma nota que de tão cuidadosamente escrita nos faz adivinhar um receptor com pouca paciência para esta espécie de laxismo nacional. Há paralelamente também notas a um ou outro desvio de correspondência, livros ou missivas que foram enviados, mas que por qualquer razão tardam a chegar, ou que não chegarão de todo e aqui a tenebrosa mão do regime teria sido seguramente uma explicação, uma vez que há, efetivamente, alguma correspondência destinada ao casal Ilse e Arménio Losa apreendida pelos serviços do regime, nos Arquivos Nacionais Torre do Tombo.

Como reflexão final, gostaria de sublinhar que a compilação de cartas que abrange sensivelmente meio século da nossa história, estendendo-se até mesmo ao fim do século XX, assinala, de alguma forma, o fim de uma era. A era das cartas e da correspondência tal como a conhecemos no referido volume. A velocidade dos tempos (e do tempo) a celeridade e brevidade das respostas, a imaterialidade do digital estão a matar (ou mataram já) a riqueza das respostas com tempo e, nesta medida, a riqueza do género epistolar como o conhecemos até hoje.